

SOUZA, G. B. de. Ouça o barulho das minhas mãos: a educação dos surdos e suas adversidades. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, v. 3, n. 1, jan.-jun., 2018.

OUÇA O BARULHO DAS MINHAS MÃOS

A educação dos surdos e suas adversidades^(*)

Gildenice Barbosa de SOUZA (UNEB)

RESUMO: O presente trabalho busca problematizar as dificuldades enfrentadas pelos surdos, discutir os diversos desafios na sala de aula e ambientes exteriores na aprendizagem da língua portuguesa (L2), bem como analisar a educação dos surdos nos dias atuais, trazendo reflexões e estratégias para aprimorar tal forma de ensino. Para principais fundamentos teóricos abordamos Luz (2013, Botelho (2015) e Skliar (1998)). Com o objetivo descolonizar a Língua de sinais da língua portuguesa e de estereótipos acerca da cultura surda, considerando fundamental enxergar a LIBRAS como primeira língua (L1) incluindo os surdos adequadamente na sociedade.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino. Surdez. Aparição.

1. INTRODUÇÃO

Todos nós desenvolvemos a necessidade de se comunicar e isso é natural, a linguagem torna-se uma fonte de ligação que une esse novo indivíduo à sua família e à vida e é por meio de uma língua que exercemos uma linguagem com a finalidade de sermos entendidos, de entender e exercer uma comunicação. Assim, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é fundamental para que os surdos sejam totalmente inseridos no âmbito social, podendo exercer profunda interação entre ouvintes.

Através de experiências vivenciadas com surdos ainda cursando o ensino básico, despertou em mim a necessidade de pesquisar hoje na graduação, a luta constante da comunidade surda para seu valor no mundo, levantando reflexões e estratégias para aprimorar a educação, bem como esclarecer estereótipos relacionados à língua de sinais e seus falantes.

^(*)Artigo produzido a partir da comunicação oral apresentada no ENFOTILS/UFMT.



1.2. Um pouco de história

Por muito tempo os surdos não tinham direito à vida, e eram exterminados assim que constatava a surdez. Pela “ignorância” acreditava-se que eram seres castigados, até mesmo pelas denominações religiosas, eram considerados amaldiçoados por Deus por não confessar seus pecados e com isso restava a morte. É somente na Idade Média que surge, portanto, alguns pesquisadores que desejam educar os surdos à fala, acreditavam que era possível, e que teriam que descobrir o enigma que impossibilitava o surdo a falar.

Abade Charles Michel de L’Epée foi o primeiro a fundar escolas especializadas ele tinha uma motivação de cunho religioso pois desejava “salvar a alma”, começou a alfabetizá-los, sendo que, a primeira escola foi em 1760 usando a linguagem gestual, ou seja, como o próprio nome diz: por meio de gestos. Ele queria treiná-los à fala procurando provar a capacidade dos surdos em exercer comunicação, porém ele não acreditava que essa comunicação seria uma língua, mas acreditava na eficiência de exercer uma compreensão do que era dito por meio de sinais ou gestos. Com o tempo muitos optaram por métodos extremistas e absurdos na tentativa de fazerem os surdos ouvir/ falar, denominados como anormais doentes mentais incapazes de se comunicar e de aprender.

L’Epée lutou para ajudar a desvendar tais estereótipos que desencadeavam a morte de muitos surdos, porém após a morte de L’Epée (1789 na França) e de seu sucessor Abbé Sicard, os surdos de certa forma ficaram desamparados. Assim, aqueles que defendiam o método oralista (método que obrigava falar oralmente usando técnicas vocais) como, por exemplo: Baron Joseph Marie de Gérando (diretor do instituto) e Jean Marc Itard, foram responsáveis por medidas desumanas a favor da fala.

A intenção de Itard não era ensinar os surdos, justamente por se interessar pela medicina e por não aceitar a possibilidade de comunicar por gestos. Vários experimentos foram feitos na busca de solução do “problema” que o corpo humano apresentava. Mais tarde com a ineficiência de seus métodos Itard concordam nos sinais sendo mais produtivos para a comunicação e ensino.

A língua de Sinais expandiu-se no Brasil no ano de 1856 surgindo a primeira escola para meninos surdos chamada Imperial Instituto de Surdos Mudos, atualmente o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Desde então os surdos começam a serem instruídos, no entanto não era acessível a todos os surdos, apenas filhos da elite tinha tal privilégio (como até hoje os que têm mais recursos financeiros tem mais oportunidades na educação e aparição no



mundo), inicialmente foi difícil a aceitação e utilização de sinais, pois algumas pessoas optavam ainda pelo método oralista.

.O ensino público para surdos e o uso de sinais foram disponibilizados, porém no ano de 1880 houve um congresso em Milão-Itália onde a real intenção era impossibilitar os surdos de comunicar-se em sinais, tarefa essa que foi bem sucedida através de um farsa, não foi nada democrático tampouco justo pois todos os professores surdos foram restringidos de votar e decidir pela sua forma de linguagem, os ouvintes decidiram pelos surdos uma coisa que eles (os surdos) melhor do que ninguém podiam esclarecer. Tal método foi eleito, pois promovia a possibilidade de fala dos surdos alegando que era “preguiça” da parte deles não falar optando pela facilidade nos sinais. Obviamente os surdos não progrediam no oralismo e o ensino nas escolas por meio de sinais foi abolido sendo até mesmo proibido o uso para a comunicação.

O uso então da Língua de sinais foi de forma oculta sendo disseminadas às escuras pela comunidade surda até comprovar por meio de um estudo científico que a Língua de Sinais tinha propriedade de comunicação não era apenas “mímica”. Portanto em 1960, o primeiro estudo linguístico referente a língua de sinais é publicado, sanando dúvidas acerca das questões científicas e políticas, nas quais “resgataram de seu lugar marginal de suposta mímica universal inócua e menor” (LUZ, 2013, p.109).

A origem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é de influência da língua de Sinais Francesa (LSF) e outros sinais criados. Atualmente reconhecida como a segunda língua oficial do país, registrada na lei 10. 436 de 24 de abril de 2002.

3. EDUCAÇÃO E (DES) COLONIZAÇÃO

Uma conquista para a descolonização da língua de sinais foi o decreto 5. 626 de 22 de dezembro que reconheceu a educação bilíngue como necessária, tornando possível sob o que regulamentou a lei 10. 436 de abril de 2002 onde a Libras passa ser oficialmente uma língua em nosso país. Por muito tempo a língua oral sobressaiu, e em certo período dominou o uso da Língua de sinais permitindo que fosse proibida. Olhar para uma educação bilíngue é dar primazia a língua que aquele falante utiliza como a primeira língua dele, no caso dos surdos aqui no nosso país: a LIBRAS.





Como todo caso de colonização um poder sobrepõe-se a determinado grupo que caracteriza como subalterno. Por não se adequar ao perfil dos considerados “Normais”, os surdos foram por muito tempo oprimidos, até mesmo quando lhes concediam a vida eles eram vítimas da própria medicina que procurava solucionar alguns enigmas sobre a surdez que até então eram obscuros. Os ouvintes torturavam eles obedecerem a ordens que não cabiam aos surdos. Ideias e práticas característico deles eram forçadas aos surdos. Skliar vai denominar tal forma como “Ouvintismo” ou “oralismo”. Com isso os surdos eram escravizados por uma forma de poder que não vinha apenas “do consentimento e a cumplicidade da medicina, mas também dos profissionais na área da saúde, dos pais, dos familiares dos surdos, dos professores, inclusive daqueles próprios surdos que representavam e representam hoje” (SKLIAR, 2015, p.16).

Precisamos descolonizar essa forma de pensar a todo custo que ser ouvinte é ser capaz de raciocinar e ser surdo é ter problemas psicológicos, pois na verdade o que lhes falta é estarem inseridos em sua língua materna, “o acesso à uma língua que dominem e que lhes permita pensar com todas as complexidades necessárias” (Botelho,2015, p. 58).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível que a família do surdo tenha acesso à língua de sinais antes de qualquer coisa, ter orientação sobre os devidos cuidados assim que diagnosticado a surdez. A língua precisa ser divulgada e compreendida por meio de cursos, não apenas na escola, mas no dia a dia de todos. Há um impedimento que priva muitos de enxergar a educação dos surdos como prioridade, essa incumbência de poder maior se dá não às pessoas comuns, mas ao governo Brasileiro que pode facilitar o acesso à língua de sinais desde o ambiente escolar até em outdoors, propagandas na televisão e espaços públicos com profissionais devidamente qualificados.

Precisamos da mídia, dos familiares, da comunidade e dos próprios surdos, para unidos fortalecer a busca pela educação e inserção de todos na sociedade. Enquanto o acesso à LIBRAS é ignorada, os surdos ficam com sua “capacidade narrativa muito empobrecida, sua ação no mundo, reduzida” (LUZ, 2013, p.51).

O termo *Aparição* descrito por Luz é algo primordial para ser trabalhado, nós dependemos dessa manifestação própria para sermos notados por outros, para achar nosso





lugar no mundo, e a principal forma de demonstrar *Aparição* é por meio da linguagem, daí surge um questionamento: Será que estamos produzindo meios para a *aparição* do surdo? A própria ausência dos surdos na sociedade, no coração do mundo responde isso! Precisamos de intérpretes qualificados, precisamos de professores que compreendam minimamente a cultura surda, precisamos de surdos *aparecidos* e precisamos mais do que tudo encontrar olhos capazes de ouvir o barulho que nossas mãos são capazes de produzir.

5. AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente para a culminância deste trabalho, agradeço aos colaboradores; estudantes surdos, intérpretes e professores. Também todos da comunidade surda que validaram a pesquisa com seus relatos. Em especial à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus XVI por fomentar, apoiar, e orientar esta linha de pesquisa.

REFERÊNCIAS

MOURA, M. C. de. **O Surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: REVINTER, 2000. 152 p.

BOTELHO, P. **Linguagem e Letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. 4.ed.-1 reimp.-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998b.

MACÊDO, G. C. **Representações e manobras discursivas sobre a surdez e sobre o surdo**: estudo de caso em espaço acadêmico. 1. Ed. Feira de Santana: Nacional, 2014.

LUZ, R. D. **Cenas surdas**: os surdos terão lugar no coração o mundo? -1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Sobre a Autora:



GILDENICE BARBOSA DE SOUZA

ReFaMi



Graduanda em Letras Vernáculas, 5º semestre, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias-DCHT Campus XVI, Irecê-BA. Pesquisadora da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Atua como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

gildenicesouza@gmail.com gildenicebarbosa2015@gmail.com

